

○ sistema financeiro de Bretton Woods está caindo aos pedaços. Em 30 de maio, a Bolsa de Valores de Londres sofreu sua pior sacudida nos últimos dez anos. A queda foi de 23 pontos — um dia depois, caiu mais 11 pontos —, sendo a perda acumulada nos dois dias de 4,8 por cento. Duas semanas antes, em 11 de maio, o Continental Illinois, o oitavo banco comercial em importância dos Estados Unidos, tinha ido à bancarrota. Como seqüela, nos dois dias subsequentes, em Wall Street correu o rumor de que o próximo seria o Manufacturers Hanover Trust, banco superior ao Continental Illinois.

O pânico tomou conta da comunidade bancária de Londres, Suíça e Nova Iorque. No momento em que ocorriam tais fatos — que representam a bancarrota não de entidades separadas, mas da totalidade do sistema financeiro — quatro países da América Latina (Argentina, Brasil, Colômbia e México) criavam de fato o tão temido “clubes de devedores”.

“O medo que provocou o tumulto da semana passada”, assinalou em editorial de 28 de maio o **Financial Times**, de Londres, “foi de que os países da América Latina... poderiam se unir em um cartel, negando-se a pagar suas dívidas... inclusive o fantasma do não-pagamento seria suficiente para tumultuar todo o sistema. Nenhum banco do mundo poderia evitar as consequências”. O **Le Matin**, de Paris, também em editorial, afirmou: “As nações devedoras marcaram alto. Os quatro presidentes concordaram em uma reunião de devedores... Os que os credores mais temem não são as propostas

Bancos internacionais vêm perdendo sono com a crise

DENNIS SMALL
da Executive Intelligence Review

concretas, mas a formação de um cartel”.

Os banqueiros sentiram calafrios somente em pensar nas seqüências da decisão latino-americana: “Não sei o que fazer com este cartel... Tem sido nosso pesadelo por anos e agora aí está”, disse um banqueiro em Frankfurt, Alemanha Federal. De igual forma, um funcionário do Bundesbank se manifestou: “Não existe forma para que o sistema bancário dos Estados Unidos consiga suportar a investida do cartel de devedores”.

Um representante do Banco da Inglaterra aceitou com franqueza a bancarrota dos banqueiros: “Londres está muito mais nervosa. Temos estado mortos de medo. E como se todos os bancos fossem golpeados um por um, como se estivessem na lista da Máfia”. A luta atual foi expressa nitidamente por um funcionário da Mont Perelin Society na Europa: “Agora temos uma luta entre dois cartéis: O dos credores e o dos devedores”.

Com o sistema financeiro fora de controle, os banqueiros internacionais encabeçados pelo Fundo Monetário Internacional e pelos bancos suíços planejam acertar um golpe no grupo de países devedores antes que se realize, em meados deste mês, a reunião convocada pelos quatro presidentes. A Argen-

tina é o alvo mais à mão. Esta nação é pressionada de todas as maneiras possíveis para que firme um acordo de “ajuste econômico” com o FMI. Em 27 de maio, o embaixador dos Estados Unidos na Argentina, Frank Ortiz, se reuniu com o presidente Raul Alfonsín para tratar do caso. Da audiência, saiu com as mãos vazias. O vice-presidente do Citibank, William Rhodes, em seu regresso de Buenos Aires e em franca atitude de pressão e ameaça, declarou que os bancos devem fazer certas concessões à Argentina, por exemplo, baixar as taxas nos empréstimos norte-americanos, mas que não haverá dinheiro enquanto não for feito um acordo com o FMI.

As propostas e contrapropostas que os banqueiros fazem neste momento são para ganhar tempo e levar algum tipo de prêmio para a próxima reunião dos sete países industrializados membros da OCDE. Desde ontem, esses países estão reunidos em Londres, tendo como tema principal a dívida ibero-americana e o que fazer com a frente comum de devedores, como disse um porta-voz da Comissão da Dívida Latino-Americana, dirigida por Henry Kissinger: “A crise bancária é tão alarmante, que o presidente do Federal Reserve dos Estados Unidos, Paul Volcker, propôs na reunião de Londres uma reprogramação da dívida ibero-americana, reduzindo-se as taxas de juros e emitindo-se grandes

quantidades de meio circulante para salvar os bancos”.

“Seria contraproducente para os Estados Unidos pressionar a Argentina a assinar acordos com o FMI”, disse ao **Wall Street Journal** Fritz Leutwiler, presidente do Banco de Liquidações Internacionais, da Suíça, conhecido por exigir dos países do Terceiro Mundo a execução de “penosos ajustes”, inclusive naqueles em que “o nível de vida é apenas de subsistência”. Uma boa caracterização da mudança de tática de Leutwiler foi feita por um jornalista francês especializado em finanças: “Leutwiler tem medo de perder as calças, a camisa e até a roupa de baixo”.

Ao bloco dos países devedores, cabe, nestas circunstâncias, tomar a iniciativa política para mudar as regras do jogo do sistema financeiro que, por si mesmo, já demonstrou sua ineficácia. Das ações do grupo dos quatro principais países devedores da região depende sua existência como nações, bem como dos países menores do continente.

E a vitória sobre os credores depende da rapidez com que se atue. De pronto a República Dominicana suspendeu as negociações com o Fundo Monetário Internacional, quando cresciam as pressões para que executasse o programa de austeridade ordenado pelo FMI, já que, no caso de pô-lo em prática, o país se destruiria em uma guerra civil. Em 30 de maio, a Bolívia declarou de fato uma moratória à sua dívida externa, suspendendo todos os pagamentos ao exterior.

A América Latina tem a capacidade física de ser uma superpotência enquanto os banqueiros se encontram com as mãos vazias, totalmente arruinados.